



**Fact-checking como instrumento de letramento midiático: análise de
desinformação sobre enchentes no RS checada pela Lupa¹**

Maria Joana CHAISE²

Felipe MATIASSO³

Ana Carolina PIANA⁴

Nadja Maria HARTMANN⁵

Universidade de Passo Fundo - UPF

INTRODUÇÃO E FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O universo digital ampliou as oportunidades de conexão e consumo de informações. Com infinitas possibilidades, a atenção da sociedade foi comercializada e, como consequência, as gigantes do mercado tecnológico, Big Techs, aproveitaram-se da situação para lucrar bilhões. No século XXI, vivemos hiperconectados e capazes de encontrar o mundo na palma da mão, com um simples toque na tela. Essa visão idealizada, porém, foi rapidamente substituída pelo reconhecimento de que nosso ecossistema de informações está perigosamente poluído e nos distanciando ao invés de nos conectar.

Sites extremamente semelhantes a gigantes veículos da comunicação, compartilhamento de memes nas redes sociais, contas falsas disseminando conteúdos carregados de inverdades e influenciadores com potencial de alcance enorme. Esse conjunto de fatores, alinhados a conteúdos que carregam figuras públicas, mensagens polêmicas ou assuntos de interesse público fora de contexto são ouro para quem deseja lucrar neste meio e uma armadilha para o público ingênuo que busca consumir notícias.

Nesse contexto ganha destaque a desinformação. Aqui é importante salientarmos que o termo popularmente utilizado como “fake news” é equivocado. No Brasil, o termo ganhou ampla popularidade na disputa eleitoral entre Lula e Bolsonaro nos últimos

¹ Resumo expandido apresentado no GT Pesquisa na Graduação, no VIII Encontro Regional Sul de Ensino de Jornalismo (Erejor Sul).

² Doutora em Letras, mestre em Comunicação, professora do Programa de Pós-Graduação em Letras e do curso de Jornalismo da UPF, onde se dedica a estudar discursos midiáticos e desinformação. E-mail mariajoana@upf.br.

³ Aluno do curso de graduação em Jornalismo na Universidade de Passo Fundo (UPF). E-mail 198004@upf.br.

⁴ Aluna do curso de graduação em Jornalismo na Universidade de Passo Fundo (UPF). E-mail 199154@upf.br.

⁵ Mestre em Comunicação e Tecnologias do Imaginário, habilitação em Jornalismo pela PUC-RS, professora do curso de Jornalismo da UPF. E-mail nhartman@upf.br



anos. Foi nas eleições de 2016 nos Estados Unidos entre Donald Trump e Hillary Clinton, porém, que o termo passou a ser reconhecido mundialmente. À época, Clinton era favorita nas margens de pontos percentuais nas pesquisas de intenção de voto. Apesar de favorita, Trump saiu vitorioso e aproveitou o cenário para atacar jornalistas americanos, alegando que todo conteúdo veiculado pela imprensa tratava-se de “fake news”. O termo, porém, em tradução livre significa “notícia falsa”, o que automaticamente auto sabota-se, porque “notícia” trata-se de uma informação verdadeira. Portanto, caso a informação não carregue consigo a verdade, ela não pode ser considerada notícia. Bucci (2018) propõe nomear notícia fraudulenta, termo sugerido pelo professor Carlos Eduardo Lins da Silva, pois o adjetivo envolve intenção de enganação maliciosa, que não é atribuída ao adjetivo “falso”, tradução de “fake”.

Os termos expressados pelos jornalistas devem ser extremamente cuidadosos, uma vez que moldam a linguagem da sociedade a qual impactam diariamente. A expressão correta a ser utilizada nesses casos não é única. De acordo com Wardle (2020), o contexto de desinformação que vivenciamos é dividido em desinformação, mesinformação e malinformação. A desinformação é a expressão utilizada para definir uma informação falsa, na qual foi produzida especificamente com o intuito de lucrar financeiramente, gerar discurso de ódio e ter influência política. Quando bem construída, é capaz de influenciar quem a consome e, assim, acaba por ser compartilhada, gerando a mesinformação, na avaliação da autora. Aqui, o cenário não é, necessariamente, proposital. Como mencionado anteriormente, as pessoas estão nas redes para consumir e se conectar. Com o excesso de informação que é consumida, o cérebro humano é incapaz de distinguir uma informação correta ou incorreta, culminando no compartilhamento de uma inverdade. Você pode questionar-se o que faz uma pessoa compartilhar este conteúdo, além do que foi explicado em relação à incapacidade de processamento informativo. A resposta é a pós-verdade, definida como a palavra do ano de 2016 pelo *Oxford Language*, é compreendida como um compilado de representações sociais, já impregnados culturalmente no indivíduo, a partir do qual relaciona-se com a desinformação, potencializando-a (Murolo apud Araújo, 2020, p. 7). A terceira categoria proposta por Wardle (2020) é a malinformação. Uma informação verdadeira que tem, exclusivamente, o objetivo de causar danos. Neste caso, usa-se uma informação verdadeira, na qual é removida de contexto.



Os diferentes formatos de desinformação citados intensificam-se, muitas vezes, em momentos de vulnerabilidade e pânico geral, como nas enchentes de maio de 2024 no Rio Grande do Sul. Com mais de 500 milímetros de chuva em dez dias, 478 dos 497 municípios gaúchos foram afetados pelas inundações. O evento deixou, ao todo, 185 mortos e 23 desaparecidos, além de quase 200 mil desalojados ou desabrigados. Enquanto a informação era essencial para salvar vidas e alimentar gaúchos desamparados, o compartilhamento de falsas informações intensificava o pânico e dificultava a chegada de ajuda para a população, o que será detalhado a seguir.

OBJETIVO, METODOLOGIA E ANÁLISE

O presente trabalho visa analisar o conteúdo checado pela Agência Lupa intitulado “Foto de Eduardo Leite em show de Ivete Sangalo, enquanto RS sofria com enchentes, é de 2023”, material que verifica a notícia “Com RS em calamidade, Leite vai a show de Ivete Sangalo em SP”. A análise se dá em vista dos conceitos propostos para a discussão da desinformação, conforme Wardle (2020), seja como eles foram aplicados, com qual propósito e, por fim, identificando qual seria o termo correto sobre o conteúdo desinformativo que circulou à época. Ainda, opera-se uma discussão que privilegia a checagem (Paganotti, 2023) como instrumento do necessário letramento midiático (EducaMídia, s.d.). A pesquisa é qualitativa e a análise é de conteúdo.

ANÁLISE

A publicação “Foto de Eduardo Leite em show de Ivete Sangalo, enquanto RS sofria com enchentes, é de 2023” da Agência Lupa analisa a notícia “Com RS em calamidade, Leite vai a show de Ivete Sangalo em SP”, que circulou nas redes sociais em maio de 2024, período em que o Rio Grande do Sul enfrentava a maior enchente já registrada no estado. A checagem da Agência Lupa, no entanto, confirma que a notícia em questão foi retirada de contexto, sendo originalmente publicada em 2023, quando o estado também foi afetado pelas enchentes, mas com menores proporções. De acordo com a investigação da agência, não seria possível a notícia corresponder ao período de maio de 2024, já que, em suas redes sociais, o governador não teria dado indícios de saída do estado e a cantora Ivete Sangalo sequer cumpria agenda de apresentações em São Paulo naquele mês.



A conclusão da Agência Lupa fundamenta-se no chamado jornalismo de verificação (Seibt, 2019). Ao passo que expõe a publicação original da notícia em 2023, bem como as páginas das redes sociais do governador gaúcho e da agenda de shows da cantora Ivete Sangalo, os jornalistas utilizam da apresentação transparente do método e suas fontes para a realização da checagem, recurso considerado mérito do *fact-checking* por Seibt (idem, p. 126). Ainda, a agência realiza, na publicação analisada, a checagem do tipo debunking, na qual, segundo Scofield Jr. (2019), são verificados conteúdos sem uma fonte oficial, o que inclui conteúdos adulterados que circulam especialmente em redes sociais. É possível concluir, também, que a checagem feita pela Agência Lupa expõe um caso de malinformação (Wardle 2020), quando a informação verdadeira é retirada de contexto, buscando causar danos.

Nesse viés, observa-se que a realização deste trabalho de verificação é produzida com uma aprofundada investigação, que segue méritos de checagem considerados válidos do *fact-checking*. Além disso, com a verificação realizada, é possível concluir que a notícia retirada de contexto é usada para causar revolta em um povo fragilizado e ferir a reputação política do governador Eduardo Leite (PSDB). Dessa forma, o trabalho da Agência Lupa também fica no entorno de um grande desafio dos checadores para Scofield Jr. (2019, p. 67): “desconstruir os discursos maniqueístas e manipuladores com dados objetivos e aumentar o custo da mentira, valorizando a verdade”.

A Lupa não é a única agência de *fact-checking* que atua no Brasil. Em um universo no qual toda informação é questionada pela sociedade e o trabalho de apuração jornalística, por sua vez, é colocado em xeque, a função de checar os fatos ganha uma importância jamais vista anteriormente, e anda de mãos dadas com a credibilidade.

Este conceito, aliás, é constituído e amparado por noções socialmente compartilhadas, das quais um “bom informante” carrega consigo, ou seja, noções de caráter moral. Neste caso, fala-se de competência e integridade da fonte, por exemplo. O primeiro aspecto também pode ser denominado como autoridade, referindo-se ao conhecimento técnico e verdadeiro sobre determinado assunto. Já o segundo diz respeito ao compartilhamento de informações e o compromisso com a verdade, expondo motivações e interesses com sinceridade e reputação, sobretudo.



Kovach e Rosenstiel (2001) dizem que a primeira obrigação do jornalista é com a verdade. Entre os princípios deontológicos, aliás, outro que é considerado a base da profissão é o interesse público. Além de oferecer credibilidade ao jornalismo, Paganotti (2023) atribui à checagem o papel educacional, ao passo que ensina ao público técnicas para reconhecer elementos falsos em publicações noticiosas, assim, “alertando e preparando seu público para uma recepção mais criteriosa e cautelosa de conteúdos suspeitos on-line”. Da mesma forma, a plataforma EducaMídia (s.d.) - que oferece materiais de letramento midiático para diferentes públicos, como educadores, famílias e idosos - reforça que a educação midiática “permite o desenvolvimento de habilidades para consumir e produzir informações com responsabilidade e criticidade”.

Em meio à era digital, onde todos têm a capacidade de serem produtores de conteúdo, o compromisso com a verdade está nas mãos do jornalista. A busca ininterrupta pelo que é verídico e o interesse social, o intuito de publicar o que alguém, seja pessoa ou instituição, não quer que se publique, mantendo a moral e a ética, são os papéis do jornalismo. Manter o equilíbrio - dando voz à pluralidade de fontes - sendo preciso, coerente e objetivo são a base para manter a profissão. Explicar, sobretudo, às novas gerações, cada passo com transparência é um caminho para que, no longo prazo, a educação digital compreenda o papel jornalístico na sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho analisou a checagem da Agência Lupa intitulada “Foto de Eduardo Leite em show de Ivete Sangalo, enquanto RS sofria com enchentes, é de 2023”, material que verifica a notícia “Com RS em calamidade, Leite vai a show de Ivete Sangalo em SP”. Um trabalho jornalístico de extrema importância e de interesse público, uma vez que trata-se de atacar uma figura pública, neste caso um Governador, além de parte da população que passava por um momento delicado, de calamidade pública, tomada pelo caos e desordem, quando implorava por ajuda.

A Educação para as mídias ou Mídiaeducação surgiu em 1960 na UNESCO. À época, já falava-se na capacidade da grande mídia como meio de educação à distância, somada à preocupação de docentes com tal influência, além dos riscos de distintas manipulações como a ideológica, política e de consumo. Mostrando que a educação não se restringe ao discente, docente, formação e ensino aprendizagem, por exemplo. E, sim,



que possui um papel crucial na cidadania, o que reflete a necessidade do foco absoluto sobre o tema. A vida é movida pela informação, embora com acessos restritos em determinadas situações, e determina diretamente a construção do conhecimento.

Embora restrita, a análise da Lupa é representativa de uma importante qualificação do cenário informacional que se pode obter com o consumo ampliado de conteúdos checados. O objetivo do trabalho foi alcançado com a análise do trabalho desenvolvido pela Agência Lupa para o jornalismo e à sociedade. Importante, porém, ressaltar que é de caráter relevante que a análise da desinformação, mesinformação e malinformação deve ser constante e ininterrupta, além de aprofundada. Pois aqui, apenas uma checagem sobre um conteúdo foi abordada, dentre inúmeras outras que circulam diariamente e que são acessadas por milhões de pessoas.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. *O fenômeno da pós-verdade e suas implicações para a agenda de pesquisa na Ciência da Informação.* Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, Florianópolis/SC, v. 25, p. 1-17, 2020.

BORGES Júnior, Eli. O que é a pós-verdade? Elementos para uma crítica do conceito. *Brazilian Journalism Research*, v. 15, n. 3, p. 1, 2019.

BUCCI, Eugênio. Pós-política e corrosão da verdade. *Revista Matrizes*, 2018. Disponível em: <https://www.researchgate.net/....> Acesso em: 16 out. 2025.

CORTES, Tanisse Paes Bóvio; MARTINS, Analice de Oliveira; SOUZA, Carlos Henrique Medeiros de. Educação midiática, educomunicação e formação docente: parâmetros dos últimos vinte anos de pesquisas nas bases SciELO e Scopus. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 34, e200391, 2018.

EDUCAMÍDIA. Educação midiática. Disponível em: <https://educamidia.org.br/educacao-midiatica/>. Acesso em: 18 out. 2025. s.d.

LISBOA, Silvia; BENETTI, Márcia. Credibilidade no jornalismo: uma nova abordagem. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, v. 14, n. 1, p. 51-62, 2017.

LUPA. Foto de Eduardo Leite em show de Ivete Sangalo enquanto RS sofria com enchentes é de 2023. *Lupa*, 4 maio 2024.

PAGANOTTI, Ivan. *Checagem de fatos como crítica de mídia: critérios e potenciais formativos da verificação jornalística.* *Revista Rumores*, v. 17, n. 33, 2023.

WARDLE, Claire. *Guia essencial da First Draft para entender a desordem informacional.* 2. ed., First Draft News, 2020.